

REVISTA "A Violeta". Ano 26, nº 301. Cuiabá, 30 de outubro de 1943.

E tudo floriu
e tudo cantou !

E os braços se estenderam mais além,
enchendo de azul o coração dos homens
e, os mundos que boiavam na amplidão
giraram na suave harmonia das esferas !

A alegria pagã desses gestos,
a alegria vital desses gestos,
a alegria feminina desses gestos !

E os braços se estenderam, ainda mais, dentro da noite
e a luz se fez;
e as mãos se estenderam para terra
e a terra se fecundou na glória da germinação;
e as mãos se ergueram sacramentais para o céu
e na amplidão azul os passaros cantaram.

E a voz então, subiu,
a voz que era o milagre do ritmo na silêncio do mundo,
subiu na redoma dos céus,
se repetindo nos écos do infinito.
E o cântico do triunfo se fez ouvir,
como a voz do Tabor
no milagre dos dez mandamentos.

Este é o teu canto de triunfo !

A VIOLETA

Órgão do Grêmio Literário «JÚLIA LOPES»

REDAÇÃO — Rua Barão de Melgaço n. 34 — CUIABA

PUBLICAÇÃO MENSAL

— Diretora Maria Dimpina

ANO XXVI

Cuiabá, 30 de Outubro de 1943

N. 301

CRÔNICA

“A apostólica benção desça sôbre os bons Filhos e Filhas de D. Bosco, continuou o PAPA, para que propaguem a glória de Deus e o bem da Igreja salvando muitas almas.”

Tais palavras ditas por S.S. o Papa à bemaventurada Maria Mazarelo ao fazer-se missionária repetem-se constantemente às suas incansáveis continuadoras, as Filhas de Maria Auxiliadora.

A exemplo dos santos fundadores da Congregação, novos João Boscos e Marias Mazarelos vão *servindo a Deus em alegria* nessa assistência à juventude, que é o apanágio da Missão Salesiana.

E a benção de Deus não falha!

Não há sacrifícios invencíveis, dificuldades insuperáveis, obstáculos intransponíveis.

Mal se levanta uma casa salesiana, outra surge para que se cumpra a previsão papalina: a propagação da glória de Deus e o bem da Igreja pela salvação de muitas almas.

Exemplos dignificantes desta natureza dá-nos a Reverendíssima Madre Marta Ceruti, cujo zelo apostólico não tem limites.

Na sua simplicidade natural, com a qual procura encobrir o seu estoicismo, Madre Marta formula um plano e trabalha e vence.

Trabalha com a fé própria dos crentes; vence com a altivez dos fortes.

—Nós precisamos de um ginásio para moças, Madre Marta, dizia-lhe eu repetidas vezes.

—Vamos ver... Reza, minha filha!

E', pois, com exultação que acabo de lêr o Decreto nº 514, de 6 do corrente mês, chave de ouro com a qual o Interventor Júlio Müller inicia mais um ano de seu profícuo e benemérito Governo.

Concede o preclaro e ilustrado Interventor ao Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, representado pela Reverendíssima Madre Marta Cerutti, o auxílio de 40 mil cruzeiros, para aquisição da

propriedade nº 57 sita á rua Comandante Costa, destinado à construção de um ginásio para a instrução das moças patricias.

Dispensa qualquer comentário a elevação moral e cultural dos que, por esta forma, procuram contribuir de modo eficaz para o engrandecimento de nosso Estado.

A educação da mulher deve ser aos moldes de prepará-la para sua dignificante missão.

Este preparo, iniciado no berço e prosseguido na escola primária, deve ser lapidado na juventude para que, diamante sem jaça, possa ser o eixo seguro da formação social.

Se, pois, o descongestionamento do Colégio Estadual de Mato-Grosso se faz mister, levando em conta a sua super lotação, quem melhor poderia que a Congregação Salesiana—árvore que tem dado frutos opimos desta natureza—para ser a semeadora desta nova seára?

Que mais acertado que a criação de um curso para moças?

Bem se houve o Snr. Interventor Federal!

O nosso Grêmio, que sempre timbrou pela cultura e educação da mulher, exulta neste momento e congratula-se com a população cuiabana, agraciada com o mágnio decreto governamental.

A fóra a parte cultural, o município da Capital está igualmente de parabens.

Não é bastante que a cidade seja bem curada em um distrito apenas.

E, Cuiabá está sendo agraciada com benfeitorias de ordens tais que o progresso se vai distendendo em todos os quarteirões.

Já o Govêrno municipal do Bacharel Isac Póvoas iniciou o melhoramento da travessa D. Bosco.

Os três colégios salesianos nessa travessa, a par do Centro de Saude e de outros estabelecimentos trarão a vida para êsse bairro.

O melhoramento da viação urbana, a procura de prédios na zona, o aproveitamento de terrenos desocupados para construções (o que provavelmente se dará) são outros tantos frutos inerentes—quem o diria?—do ato do Interventor Federal, do espírito educativo da Missão Salesiana.

Não fecharei êste singelo escrito sem gratular-me também, ufana e desvanecida, com o inclito Interventor Federal e a Missão Salesiana pela obra meritória que um e outro acabam de realizar em prol da cultura da mulher cuiabana.

Maria Dimpina.

DISCURSO proferido pela Professora Guilhermina de Figueiredo, oradora do Grêmio Júlia Lopes, no festival em homenagem à Margarida Lopes de Almeida, a 24 de setembro:

As artes se entrelaçam e se confundem num simbolismo magno e divino, em irradiações maravilhosas do belo e da graça, de fé e amor, de luz e verdade.

Se todas nos falam com vida, e nelas encontramos a alegria, a felicidade, a glória de viver, duas há que se nos apresentam em manifestações mais luminosas e vividas: a poesia e a música.

O amor é mais belo e real nos versos líricos e salmódicos de um cantor mágico como Anacreonte, ou na harmonia cantante e sugestiva das notas de uma inspiração de Schubert; a fé mais viva e profunda na epopéia poderosa de um místico delicado como Bernardes, ou ao som celeste e angelical de um Gottschalk; a dor menos agra e menos cruciante nas frases confortadoras e cheias de esperança de um Lamennais ou no andante religioso e férvido de um noturno de Chopin.

Artes divinas, capazes de converter, de edificar, capazes de transformar !

A própria natureza é uma música perene e uma poesia viva: quer no cantar sonoro do pássaro, no perpassar suave da folha que cái, ou ainda na sutileza do vento que cicia, delicado, por entre o vazio das canas; ou sibila, furioso, estorcendo as raízes das árvores.

Se a nossa própria vida nos fala de sons e de cantares; desde o berço, quer opulento ou humilde, desde o sorriso cândido e delicioso da infância, até as lágrimas da velhice indiferente e alheia: em tudo há poesia e música, há melodias, afetos e amores.

Se vencemos, é o hino da vitória que nos aclama; se tomamos é o requiem do opróbrio que nos humilha. Se gozamos, é o cantar álaçre e festivo de corações felizes e palpitantes; se sofremos é o chorar plangente de almas tristes e fenecidas.

Música e poesia abrem-nos a aurora da vida e elas mesmas, em toda a sua plenitude, levam-nos ao descerrar da existência, que se esvái. Animam e exaltam; falam, e comovem; falam, e unem e vencem!

E agora, após este como prelúdio, a que, por gosto não me fugi, quero dizer-vos que estamos diante de uma fada poderosa, como as que floresceram na Grécia; poetisa e artista, é Margarida, que nos encantou, prendeu, arrebatou, pela expressão, pela

Continua na página 16.

LIÇÕES DE PORTUGUÊS

Formulário Ortográfico

O formulário ortográfico, mandado adotar pelo decreto-lei número 5.186, de 13 de janeiro de 1.943, é o seguinte:

FORMULÁRIO ORTOGRÁFICO

Continuação

f) os latinismos de uso comum, que ainda mantêm a forma originária — *bis, jus, plus, virus, pus* (subst.);

g) os monossílabos e palavras agudas seguintes: *aliás, ananás, após, arnes, arrás, arriós, às, atrás, através, calcês, camoês, catrapús, convés, cós, cris, daruês, dês, (desde), detrás, enapupês, enxós, filhós, frêguês, givás, grós, linaloês, luis (moeda), macis, mes, obús, dardês, paspalhós, pávês, piós, princês, rês, rés, resvês, tornês, trás, tris, viês, zás-tras, etc.*

XI—Escrever com s médio:

a) as formas femininas (de substantivos) que tiverem a desinência *esa* ou *isa*—*baronesa, duquesa, princesa, consulesa, prioresa, sacerdotisa, poetisa, diaconisa, profetisa*;

b) os adjetivos formados de substantivos com o sufixo abundância *oso*—*animoso, doloroso, formoso, teimoso*;

c) os diversos tempos dos verbos *querer* e *por* com os seus compostos—*quis, quisestes, quiseram quisemos, pus, pusestes, puseram, pusemos, compús, compôs, dispusestes*;

d) as palavras em *eso* ou *esa* que no português são primitivas, consoante as suas correspondentes de origem, e, conformidade com elas, as suas derivadas—*emprêsa, despesa, defesa, mesa, surprêsa, framboesa presa, devesa, reprêsa, toesa, aceso, ileso, defeso, obeso, têso, empresário, mesário*;

e) os verbos oriundos do latim, terminados em *sar*—*acusar (accusare), recusar, (recusare), recusar (refusare)*;

f) os substantivos, adjetivos e os participios terminados em *aso, asa, iso, isa, oso, osa, uso, usa*—*caso, oso, vaso, asa, casa, brasa, viso caucisco, aviso, paraíso, siso, guiso, liso, friso, narciso, brisa, friza, camisa, divisa, espóso, glosa, rosa, raposa, grossa, entrosa, tosa, prosa, uso, abuso luso, fuso, escuso, infuso, concluso, coutuso, mesa*;

g) o prefixo *trans*, nesta como nas formas *tras* e *tres* e, coeherentemente, as suas derivadas — *transição, transigir, tresandar, transandino, transoceânico, tras ante-ontem, traseiro, trasordinário*;

Continúa no próximo número

DISCURSO pronunciado pela diretora d'esta "Revista" D. Maria Dimpina Lôbo Duarte por ocasião da visita da genial artista Margarida Lopes de Almeida em nossa redação:

Foi D. Júlia Lopes de Almeida quem, em sua interessante obra *JORNADAS NO MEU PAIS*, em se referindo a uma linda festa literária, realizada na Faculdade de Direito de Porto Alegre, disse um fato que muito mais me caberia a mim.

"Vibravam, disse ela, ainda como sinos de ouro em manhã clara, os finos concêrtos literários de um e as encantadoras rimas de outros, prosador e poetas. Vi, então, voltados para meu lado olhares interrogativos que deixavam perceber claramente o que se esperava.

Tremo, sorrio, esquivo-me e pergunto do íntimo dalma ao grande Deus clemente por que não me teria concedido a sublime graça, o dom sôbre todos os dons maravilhosos da oratória e da improvisação".

MARGARIDA!

Tão simples é esta reunião que almejava eu ter o dom e a graça de improvisar para nesta hora cumprir o meu gratíssimo dever, com simplicidade, assim como a de quem conversa.

Mas... foi melhor assim.

O que vou dizer-te deve ficar escrito, porque digo não só a ti senão também a teu venerando Pai, a quem admiro com todas as veras de minh'alma.

Não poderia eu ter igual ou maior satisfação que a que ora experimento, satisfação da qual participam, com o mesmo ardor, todos os membros de minha família, habituados a venerar o nome de tua excelsa Mãe.

Reúno neste recinto humilde, onde com tôda a modéstia é feita "A VIOLETA", os expoentes do jornalismo e da intelectualidade da minha terra, para festejarmos a tua vinda em nossa Capital.

Congrego neste momento as que veneram D. Júlia, para depositarmos aos pés de sua diletta filha, a veneração e todo o amor que não tivemos a dita de tributar à querida Patrona do Grêmio.

Aqui estão as Exmas. Snras. D.D. Maria Arruda Müller, Maria da Glória Novis, Amélia de Arruda Alves, que, com almas povoadas de sonhos, na idade em que a vida é poesia, fundaram a sociedade.

Aqui se vê a Exma. Professora D. Laurinda Ribeiro Vieira a quem, fomos buscar em época bem difícil para a vida do

Grêmio, e a quem devemos êste impulso, que êle vem tomando nos últimos tempos, fato auspicioso que não pode ser negado pelos que têm olhos de vêr.

Aqui, as sócias dedicadas do Grêmio: Aci Novis e Lia Martins de Melo, representando a 2ª. geração da nossa sociedade. Aqui se congregam os Professores Fernando de Campos, Francisco Ferreira Mendes o Desembargador José de Mesquita, o Dr. Gervásio Leite, notáveis homens de letras os quais são para nós uns como sustentáculos indispensáveis para que mantenhamos firmes em nossos postos.

Encontra-se aqui Guilhermina de Figueiredo aquela que, para glória da sociedade, poderia quasi dizer nasceu e cresceu com o Grêmio, ao qual empresta o brilho de sua fulgurante inteligência.

Acha-se aqui o correspondente da "A Noite", Snr. Israel Machado Júnior, solidário com a nossa alegria; Maria Alzira Alderet Nunes Dias, Benilde Moura, cujas produções literárias adornam as páginas da nossa revista, tirando-lhe as asperezas que a sua Diretora só não podia conseguir.

Aqui as noveis colegas, aquelas que são as minhas lídimas esperanças, aquelas que passaram a ser firmes nos postos: Yára, Ivone e a Glória Gil que, por ser coestaduana, é para mim um penhor seguro de melhor continuadora minha, mercê dos predicados de espírito que revelou para nosso orgulho e satisfação.

Aqui, finalmente estou eu, para, na esplendente efeméride de hoje render pelo coração, já que me não é dado fazer pela inteligência, o meu preito de amor e de gratidão a tua gloriosa e imortal Genitora.

Sôbre todas nós pairam três espíritos, como que a nos acompanharem: o vulto inconfudível e majestoso de D. Júlia Lopes; a figura cintilante de uma estrêla que por muitos anos me guiou na flôr da mocidade, no início da minha carreira — o Idor. Ferreira Mendes, que aqui fiz representar pelo seu digníssimo e prestimoso filho Francisco Ferreira Mendes, e o de D. Bernardina Rich, que, não logrou como nós outras a inegalável ventura que estamos a fruir, com a tua empolgante presença, polimórfica cultura e irradiante simpatia.

Tinha eu uma dívida imensa para com teu Augusto pai.

E, quanto mais passavam os anos, sem que eu pudesse solvê-la mais pesares para o meu espírito.

O Autor de «D. Júlia», obra em versos que comoveriam corações de pedra, prefaciou assim o seu primoroso trabalho:

«Não, não são para o público estes gritos,
Éstes soluços e lamentações:
O pudor da aflicção véda aos aflitos
Que mostrem a alma nua às multidões.

Quando sejam com lágrimas escritos,
Sonetos, elegia ou canções,
Confundem-se nos circulos restritos
Dos íntimos e amigos corações

Éstes versos da minha angústia fi-los
E não pude sem lagrimas fazê-los.
Não são pois para espiritos tranquilos.

Só as almas em pena devem lê-los
Só os que gemem de dor podem ouvi-los,
Só os corações feridos entendê-los.

E eu tive a invejável fortuna de ser mimoseada pelo Autor com este livro, que não foi posto à venda, mas ofertado a todos os que amaram e prezaram a sua querida Júlia. Bendigo a felicidade de haver sido compreendida por Filinto a admiração sem par que consagro à grande e excelsa brasileira.

Quero nesta hora solene pagar essa dívida. Quero depositar em tuas fidalgas mãos um beijo que eu daria nas venerandas de teu genitor, em sinal do meu profundo respeito.

A êle, que soube e sabe ser a Chefe de uma Família nobilíssima em sólida e brilhante cultura, em modelar educação e em fulgurantes talentos.

O beijo, disse êle, "encerra tudo o que há de divino na terra".

Não sei como poderia melhor exprimir o sentimento que me vai nalma.

Posso hoje, depois desta visita, com que honraste a nossa Capital e em especial a esta modesta Redação, dizer como o velho Simeão, qual nos conta o Evangelho, ao tomar nos braços o menino Jesús.

"Agora Senhor, podes despedir em paz a tua serva porque viram meus olhos o que desejaram vêr"

Ou ainda, como César vitorioso:

"Cheguei, vi venci"

Cheguei ao píncaro de meus desejos. Vi, com meus olhos o triunfo e a glória.

Venci tudo o que impede o curso das grandezas pois, Embaixatriz da civilisação e da cultura feminina, novos horizontes se abrirão para nós, que em ti vemos o verdadeiro valor da mulher brasileira.

COELHO NETO

Já se foi o tempo em que, momentaneamente, um grande escritor parecia ter caído no esquecimento. E êste, inocente colaborador, como que corria sobre o mesmo pesado resposteiro... Até que, lá um dia, um amigo, um estudioso vinha levantá-lo, a procura do que ia guardado através dos vidros dos armários.

Hoje, não raro, quase comum, terem dos iluminados ou predestinados mestres ficado a brilhar as inteligências moças em continuidade a tarefa.

Lembram arvores tombadas, cujos galhos não morreram de todo.

Mais tarde, em próximas Primaveras, ei-las que brotam com vigor e muitas flores.

Assim foi Joaquim Nabuco. Assim Afonso Celso.

Coube também a Coelho Neto se tornar redivivo pelo carinho filial.

Ainda não li o livro de Paulo apenas as referências em torno a bem recomendar a merecida homenagem devida ao escritor Maranhense que fez da pena brilhante uma enxada com que cavou flores na cotidiana missão.

Trabalhou muito, dia e noite.

Em excesso a valer-lhe por prescrição medica «deixar de trabalhar.»

O que pouco adeantou...

Foi como se proibisse o pássaro de cantar... chorar talvez.

Conhecíamos de perto Coelho Neto.

Sua alma, sua dedicação toda voltada para o lar.

Por isso, de nosso religioso acatamento, em resposta às nossas, as suas letras, em 1932, a nós endereçadas...

Bem o seu grito de dor naquela original caligrafia tão conhecida exclusivamente sua:

—«Foi-se-me a felicidade! Sou um bagaço de Vida que flutua, ás tontas até a hora de reintegrar-se à parte que lhe foi roubada».

Como se vê, Gabi havia já desaparecido.

Pouco a lhe restar de vida.

Nada a lhe ficar de luz... longe do carinho da esposa, á sombra do qual—tantos livros se escreveram no Brasil.

Matilde de Almeida.

Rio.

**A grande interprete de
«Barcaças»**

Margarida, quatro barcas
Da frota da tua glória
Estão agora a chegar...

«Rosa Branca»

«Navegante»

«Luz do Dia»

«Flor do Mar»

Vêm carregados de rosas,
Para o caminho enfeitar,
Em que a Musa da Poesia
Tiver hoje de passar...

No dia da tua festa,
Não poderiam faltar...

«Foram longe... longe... longe...»

Afrontando as tempestades,

Rompendo o embate das águas

E o abraço doido dos ventos,

«Dos velhos ventos do mar»

E como voltaram cheios

De rosas para te dar,

De rosas se fez o mar...

Eles chegaram tão lindos,

Tão brancos, a navegar,

Que a gente os vendo sabia

Que havia festa no mar...

A luz do sol da Alegria,

E a luz das noites de luar,

Vinham nas velas abertas

Para o teu dia saudar

Accepta, pois, Margarida,

As flores que te vêm dar

Os barcos que a tua glória

Vem de longe festejar;

«Rosa Branca»

«Navegante»

«Luz do Dia»

«Flor do Mar»

Aldemar Tavares

(Da Academia Brasileira de Letras)



POEMA DO MEU AMOR

A' MARGARIDA LOPES DE ALMEIDA, estrêla de primeira grandeza a brilhar no Infinito da ARTE e a irradiar sôbre nós a doce e divina luz da EMOÇÃO, minha breve homenagem nêste Poêma único e real de uma alma de poeta.

Benilde Moura

Meu Amor é grande, muito grande e luminoso!
Parece pequenino, sem brilho e sem valor...
É que êle tem a luz perene das estrêlas distantes
ocultas na Amplidão.

Não fulgura como o sol,
mas tem cintilações secretas,
porque é humilde e é superior.
Esta luz não fere olhos humanos,
não comove, nem impressiona;
é como a claridade das lâmpadas serenas,
que velam os altares das igrejas desertas.
Está bem longe da compreensão da Vida,
e muito além das regiões terrenas.

É grande o meu Amor, é forte, é poderoso
e é de duração eterna. Êle não morre.
Existiu sempre. E existirá, porque surgiu
das sombras do Silêncio, onde cresceu...
Não foi alimentado de esperanças.
E ninguém soube jamais se êle viveu.

Meu AMOR é muito grande! É forte e é profundo.
Nutriu-se e se desenvolveu na Indiferença,
entre renúncias, desprezando o mundo
e sem sentir o peso da Descrença.
Não sei como surgiu; nem sei a sua idade.
Deve ter milênios como a Imensidade,
porque é calmo, sensato e resistente;
infrenta vendavais, domina a natureza,
oculto, concientemente,
no INFINITO da própria Singeleza...

Fevereiro de 1943

Quando vem a Felicidade...

Amora Maciel

(Da "Academia Cearense de Letras", integrada na "Federação das Academias de Letras do Brasil", da "Sociedade dos Homens de Letras do Brasil", no "Instituto Brasileiro de Cultura" e da "Associação Brasileira de Imprensa").

Batem à porta.—Quem vem lá?
Mas o rumor não perdura.
Quando a gente vai olhar
Não vê uma creatura.

O coração adivinha
—Diz a alma que sangrou—
Eu bem disse que ela vinha,
A Felicidade passou...

E' assim a Felicidade,
Não espera pela gente...

Na vida sempre é assim!
Quem é, não diz ser feliz
Mas, quando tudo é passado
E' que a gente se desdiz...

... Somente fica a Saudade
Morando ao lado da gente

Por isso é que a Felicidade
E' a velha feiticeira,
Que se veste de Saudade
P'ra o resto da Vida inteira.

Por isso foi que a Saudade
Se fez rendeira dolente,
Que na almofada da Vida
Faz renda com a dôr da gente.

TEM PENA, VELHA REND-
[DEIRA,
TEM PENA DA DOR DA
[GENTE!...

BRASIL—Rio, 1942.

FATALIDADE

(Zuleica Lintz)

Num tropel de batalhas interiores
onde alternam vitórias e fracassos,
vamos nós arrastando os nossos passos,
cercados de espinheiros e de flores.

Soam vivas fanfarras, e os clamores
de quem sente pesar nos membros lassos
todo o esforço da vida, e pende os braços,
e se agarra a cajados protetores.

Perspetivas soberbas nos fascinam,
Mas nossas próprias almas nos ensinam
que inútil é lutar-se tanto a esmo.

E aquele que, em simbólicas batalhas,
— derrubar as mais sólidas muralhas,
ficará prisioneiro de si mesmo.

MIGUELZINHO

Numa aldeia, nas proximidades de Varsóvia, vive um menino polonês, chamado Miguel. Nasceu numa noite de Setembro de 1939, aos estrondos das bombas e das metralhas, ao som dos gritos dos moribundos, enquanto os soldados poloneses lutavam contra os invasores alemães nas ruas da cidade. Nesses três anos que seguiram, êle nunca teve suficiente alimento, nem bastante agasalho.

De vez enquanto, lembro-me do pequeno Miguel. Quando à mesa, ouço alguém queixar-se da comida, dizendo que a carne está ensôssa, perguntando porquê não se cosinhou as ervilhas de outro modo, ou porquê não se fez tal prato; quando jogo fóra algum resto que foi desprezado, ou mesmo quando sacudo algumas migalhas de pão torrado, parece-me que estou vendo os olhinhos do pequeno Miguel, me censurarem.

Há milhares de outros meninos na Polônia—José, Estanisláus e Paulos—os quais como Miguelzinho, nunca puderam saciar a fome, e estão sempre a tremer de frio. Longe da Polônia, há também crianças polonesas. Muitas fugiram de suas casas para o mato ou para as montanhas. Carregadas ao colo das mães, ou arrastadas atrás delas na escuridão da noite, escondendo-se e dormindo durante o dia, conseguiram desse modo fugir. Comtudo elas têm fome, muita fome. Milhares de famílias foram expulsas de seus lares pelo inimigo. A-cham-se, hoje, nas estépes das Rússia, no Iran, no Iraque, no Congo, em Kénia ou na longínqua Tanganica. Como Miguelzinho, todas sentem fome.

A maioria dos Miguelitos não sabem onde se encontram seus pais. Muitos pais, tios e irmãos mais velhos, escapuliram por desvíos, ao invasor, tentando uma oportunidade de poder combater ainda. Seiscentos mil soldados poloneses são pri-

Continua na página 18.

Cântico do Triunfo

para *Margarida Lopes de Almeida*

Gervásio Leite

Deus estendeu as mãos sôbre as águas e as águas se fizeram
[serenas!
tu estendeste tuas mãos sôbre os homens e os homens se en-
[tenderam.

Os gestos fizeram nascer violetas nos jardins do mundo,
encheram o espaço de borboletas multicores,
fizeram cantar os regatos,
e nos ninhos, rumorejou a alegria da maternidade,
enfeitando os lábios das crianças com sorrisos,
fizeram nascer, no ventre da noite o pàlio argenteo das estre-
[las
e as rosas vermelhas de verão encheram de vida todos os rosais.

E as mão se estenderam lentas... lentas...
fizeram brotar o amor no seio das mulheres
e os namorados deram-se as mãos e se entenderam.
E os gestos deram flores aos caminhos,
acenderam luzes nas montanhas,
e abriram sulcos pelas ondas do mar,
bordando de flores a alegria pagã e verde dos vegetais.

Discurso da prof. Guilhermina de Figueiredo — cont. da pag. 3.

beleza dalma, pela voz: ora vibrante, da aspereza de uma cascata; ora terna como o roçar de uma pluma; ora chilreante e álaçre como o crepúsculo de um dia ensolarado e ruidoso, ora lúgubre e lacrimosa como a tarde plúmblea e sombria do inverno contristador.

Da carícia afetuosa de um beijo ou de uma prece, subis, maravilhosamente, ao ápice imperativo e dominador de uma frase arrogante; e assim, nessa alternativa forte e delicada, sutil e poderosa, dominais, ó Margarida, venceis, iluminais, como iluminam os astros nas regiões siderais e místicas.

A graça é a voz, já o disse alguém, e aqui o repito; a graça é a voz de Margarida, numa variante admirável e artística, chorando ou sorrindo, imperando ou pedindo numa verdadeira transfiguração de almas.

A graça é o olhar: e o olhar de Margarida perscruta, sonda, tateia, ama e impera; ora são as irradiações fortíssimas de uma alma exaltada, ora a ternura afetiva de um coração, talhado para o amor e para a meiguice.

A graça está nas mãos; e as mãos de Margarida sentem, palpitam, falam, dizem algo de sublime e majestoso; estremecem como se fôra a sua própria alma; quando calmas falam de paz; quando agitadas exprimem o amor; ainda cruzadas ao peito, fazem, mudas, uma oração fervente e sublime.

E ali, diante de Margarida, num genuflexo estático e arrebatador, sentindo-nos como que presos à sua arte e ao seu domínio, só o silencio, imperou, porque no dizer de Vigny:

“Seul le silence est grand, tout le reste est faiblesse”.

E que falar da alma de Margarida na arte criadora de Fidias e Miguel Angelo, quando sabe transformar um bloco informe de gesso ou de mármore na graça feminina de uma mulher, na frescura seráfica de uma criança, ou na beatude nobre e austera de uma anciã?

E dá-lhe vida ao olhar, empresta-lhe o viço às faces, anima-lhe o sorriso, enfim, comunica-lhe um pouco de amor e de vida. Momentos depois, ao contacto dessas mãos milagrosas e artísticas, ao poder dêsse olhar penetrante e cheio de fulgores eis a estátua, que, no dizer de Bilac: “é quasi uma criatura humana, que sente, deseja, ama, ri, chora e palpita”.

Ao crente, que vê em tudo a Perfeição e a Prodigalidade que a Mão Divina derrama, não pode deixar de render graças, por haver condensado em criatura humana, como esta, tantos dotes superiores e raros.

É Margarida Lopes de Almeida filha dêsse casal fidalgo de

artistas, que compreendeu a grandeza e o encanto da vida conjugal; que colocou os afetos mais puros no relicário sagrado do amor; sem descuidar também a cultura do espírito, que é a própria luz da alma, refletindo-se, com esplendor, na família, no ambiente, na sociedade.

Júlia Lopes — Filinto de Almeida: estrêlas de cintilações magnificentes; almas irmãs, que se compreenderam numa reciprocidade feliz e encantadora.

Júlia Lopes : mãe, esposa, escritora; alma nobre e generosa, que inspirou Filinto a dizer :

«Porque tu és Poder, Graça, Excelência;
Porque em todos os lances da existência
E's singularidade e és harmonia.»

E nessa união feliz de corações estuantes de fé e amor, amor que não falha, e não fenece; mas, ao invés, inspira, exalta e santifica; viveram eles num roseiral infinito de venturas, de paz e de harmonias.

Alma de romancista, Júlia Lopes, buscava na alegria ou na dor, motivo constante para transformar o seu coração em fonte pura de belezas, que irradiam em valiosos trabalhos; nessas frases cantantes de cultura e de fé, de patriotismo e carinho, numa exaltação feliz de espírito elevado, que, só viveu para o que é belo, para o que santifica, e que se converte na glória.

Júlia Lopes: escritora; que, pela clareza, segurança e espontaneidade do estilo, foi comparada a Maupassant, contista impecável, do realismo francês.

Júlia Lopes: outra Cornélia, mãe dos Gracos, viveu para seus filhos, transformando-os em verdadeiras joias, que cintilam por onde quer que passem; ora na arte, na pureza de sentimentos, ou ainda no amor luminoso à família e à Pátria

E hoje, numa conjunção feliz, que só a Providência nos pode proporcionar, numa duplicidade significativa e radiosa, hoje, quando o Grémio de Júlia Lopes homenageia, por entre luzes, risos e flores, a filha querida da sua grande patrona,— a Margarida, rainha de arte declamatória,— comemoramos ainda o nascimento da excelsa autora da «Ansia Eterna», a cujo nome tutelar, vive este Grémio.

E o seu espírito paira sobre nós, e não desaparecerá; pois a Bondade e a Beleza quando atingidas a um grau superno, como ela o conseguiu, aí ficam como um clarão fulgurante a inspirar-nos, a afagar-nos, a viver conosco.

Margarida:—No vosso porte de fidalguia e nobreza; no vosso sorriso inspirado pela Bondade, nesse olhar onde sentimos que

tudo são afetos e ternuras; vive em vós, neste momento, essa estrêla bemdita, que nos vem guiando, milagrosamente, no trabalho constante pela cultura do bom e do belo.

Bem haja, ó Margarida, para o nosso prazer estético, para a nossa cultura intelectual; a vossa visita a estas plagas, onde ficarão gravadas em ecos eternos e profundos, em nossos corações e em nossos ouvidos, a vossa arte divina e a vossa voz mágica.

E a nossa admiração e saudade ficarão aqui repetindo, êstes versos de Machado de Assis:

«Quando ela fala, parece
Que a voz da brisa se cala;
Talvez um anjo emudece
Quando ela fala.

Meu coração dolorido
As suas máguas exala,
Porque o céu abre uma porta
Quando ela fala».

MIGUELZINHO

Continuação da página 13

sioneiros dos alemães, e foram internados em campos de concentração, onde também sentem fome como seus filhos. Alguns milhares mais acham-se nas fileiras das fôrças armadas polonesas, batendo-se juntamente com as outras Nações Unidas. Enquanto lutarem contra as fôrças alemães, sempre há de se encontrar soldados poloneses, batendo-se para livrar as outras crianças do mundo da fome e do temor que atormentam seus pequeninos Miguelitos; batendo-se para apressar o dia em que les e seus filhos possam enfim viver outra vez. em paz e segurança.

Vós, que tendes a ventura de vêr vossos filhos felizes e protegidos, hoje, ajudem o pequeno Miguel, tanto quanto fôr possível.

Transcrição.

*M*agistral ! exclamei emocionada,
*A*nte a Arte sublime de dizer
*R*indo.... chorando
*G*arbosas triunfantes, ali estavam
A Arte e a Mulher !
*R*endi meu culto à Arte extasiada
*I*luminou-se minh'alma enamorada
*D*a sua fala e dos gestos seus :
A terra fez-se bela e, o Amor cantou em longas
[harmonias
na maravilha divina dos seus versos !

Cuiabá, 24 de Setembro de 1943.

Alzira.

da passou algumas horas em contacto com a sociedade cuiabana deslumbrante ante a majestosa pessoa da homenageada.

D. Maria Müller, como sempre, era toda atenção e carinho aos presentes.

Como interprete dos assistentes o exímio poeta desembargador Otavio Cunha fez sentir, em bela oração, o desejo de que Margarida declamasse.

E ela, fez a assistência viver momentos de elevação espiritual com a sua magnífica arte declamatória.

Os recitais—O Cine brilhou nas duas noites em que Margarida deslumbrou a assistência com a sua presença majestosa, e com a elevação de sua cultura artística.

E depois de Guilhermina haver dito o que é a Arte na expressão da sua voz, do seu gesto, do seu olhar, das suas mãos, todas e qualquer apreciação nossa será copiar, para não diminuir a expressão, daqueles justos conceitos.

Margarida tem personalidade artística !

Ela transfigura-se fazendo de si mesma a forma corporea dos versos ou dos contos que declama.

E' sublime !

Margarida em visita ao Quartel do 16 B. C.

Margarida visitou o Quartel do 16 B. C.

Foi, disse, retribuir a delicada visita do seu digno Comandante Tte. Coronel Eudoro Correa.

Recepção sublime. Presentes Oficiais e praças, em formatura, e distintas famílias foi recebida, a ilustrada visitante com honras dignas de seu mérito conferidas pelo culto Comandante daquela unidade.

Executou-se um brilhante programa com desfile militar, hinos e cantos pela Banda de Música e pela praça e o Tte. Nasir Gomes leu, com expressão admirável, uma *Carta ao seu filho* da autoria de D. Júlia Lopes.

Margarida, diante o Batalhão exultante, declamou «Nossa Bandeira» bela e sublime página de Júlia Lopes, poesias patrióticas escolhidas e interessantes versos de Olavo Bilac, Bastos Tigre, Maria Eugenia Celso, para, como dizia, alegrar a Praça.

E alegrou mesmo ! Com tanta naturalidade eram ditos os versos que toda a multidão era um só gesto acompanhando-a.

Inaugurou-se uma placa no Salão de Honra, lembrando a visita ilustre.

Comovida, Margarida agradeceu dizendo: «tenho, é bem verdade, meu nome gravado em muitos lugares... no Quartel, é a primeira vez!»

No refeitório foi servido um almoço de salgados e doces.

Os Brindes — Foram, ao champagne, feitos diversos brindes: ao Exmo. Snr. Interventor Federal, ao Exército Nacional tão bem representado aqui pelo brilhante 16 B. C. e, por fim, Margarida levantou-se e ergueu seu brinde ao Exmo. Snr. Dr. Getúlio Vargas, DD. Presidente da República e sua mui Digna Consorte D. Darci Vargas.

Margarida na Academia Mato Grossense de Letras. — Na Acadêmia foi Margarida recebida pelos intelectuais que formam aquele brilhante sodalício. Foi uma hora de alta espiritualidade. Cuiabá apresentou, ali, a sua esmerada cultura e Margarida, estamos certas, dela ha de ter levado um justo conceito de que não descuamos, antes elevamos aqui a nossa formação intelectual.

Margarida na Redação de «A Violeta»

Margarida visitou, em companhia da Exma. Snra. D. Maria Muller e da Presidente do Grêmio Exma. Snra. D. Laurinda Ribeiro Vieira, esta Redação.

Receberam-na a Diretora da Revista, distintas Snras. e Senhorinhas do Grêmio Júlia Lopes, notáveis homens de letras desta Capital.

A apresentação dos mesmos foi feita pela Diretora da fórma como vai publicado no outro local. Margarida declamou com entusiasmo, em agradecimento, *Nessun Maggior Dolore* como a mais viva e sentida expressão de seu pai a sua saudosa genitora.

Foi, como disse a Diretora da revista, uma reunião familiar, mas uma reunião onde se confundiam espírito e coração para formarem um ambiente da mais bela e pura harmonia. Fez-se a inauguração do retrato da saudosa consócia D. Bernardina Rich.

O Diretor do Departamento de Imprensa do Estado — o ilustrado jornalista Archimedes Lima em expressivo e delicado telegrama apresentou a esta reunião, a qual se aliava, sua solidariedade, expondo o motivo de seu não comparecimento.

O sarão do Grêmio Júlia Lopes. — O Grêmio Júlia Lopes, que pela primeira vez recebia pessoa da Família ilustrada de sua excelsa Patrona revestiu-se de completa gala!

Noite de 24 de setembro, data que lembra o natalício da imortal escritora.

Executou-se um programa lítero musical em que tomaram parte as eximias musicistas Professoras Maria de Lourdes Oliveira, Guilhermina de Figueiredo, Dunga Rodrigues, declamando escolhidas poesias Helena Muller, Mariete Lima Avelino e Evandita de Barros.

O discurso da oradora, Professora Guilhermina de Figueiredo, foi uma brilhante peça digna daquela que o proferiu, a quem proferiu e onde proferiu. Está publicado em outro local.

Em nome da Academia Matogrossense de Letras que se associou àquela homenagem falou com a elevação de espírito e elegância de expressão que lhe é peculiar o Exmo. Snr. Desembargador Amarilio Novis.

Recitou uma bela poesia, com verdadeira expressão, o apreciado e exímio poeta desembargador Otávio Cunha.

O festejado Snr. José de Oliveira, a pedido, cantou uma bela canção acompanhado ao piano pela Professora Maria de Lourdes Oliveira.

Margarida ofertou ao Gremio—um lindo medalhão, em gesso, representando sua excelsa genitora. Obra prima que revelou Margarida nessa outra arte que suas belas e magistrais mãos sabem elevar—a escultura.

Margarida visitou, ainda, a Diretoria Regional dos Correios e Telegrafos. Recebida pelo Diretor Snr. Israel Machado Junior, pelas funcionárias Senhorinhas Aci Novis, Chefe da 1ª Secção; Bernadette Neves, Secretaria e D. Maria Dimpina Lobo Duarte, chefiando, então, dos Serviços Econômicos, percorreu as Secções onde foi apresentada aos funcionários. O Diretor deixou consignada a visita em transcrevendo a seus dirigidos os conceitos de brasilidade expressos na brilhante Carta de D. Júlia a seu filho.

No Colégio Cuiabano, Margarida como sempre, foi recebida pela mocidade entusiasta a qual recitou belas poesias.

Margarida visita a Imprensa Oficial—Em visita ao Deip e à Imprensa Oficial Margarida, gentil como quem mais o seja declamou aos operários das oficinas.

Margarida partiu—A 26, depois de uma semana que foi curta para a admirarmos Margarida partiu, dando-nos um adeus! e nos deixando muitas saudades.

Margarida em Corumbá e Campo Grande—Sabemos que em Corumbá e Campo Grande foram prestadas à ilustrada visitante homenagens dignas de seu merito e da cultura das sociedades dessas importantes cidades sulinas.

Em Corumbá o entusiasmo chegou à culminância; Margarida, a convite, plantou no principal jardim da cidade um “flamboyant” que ficou marcando sua passagem por aquela cidade, recitou nas escolas e mesma na praça pública.

Margarida no Rio—De sua casa Margarida enviou, às Senhoras do Grêmio Júlia Lopes, a todos os amigos desta terra «a sua lembrança emocionada»

Nessum Maggior Dolore...

*...che ricordarsi del tempo felice
nella miséria*

Dante.

Poeta da Dor, Poeta da Humanidade,
Que do inferno ascendeste ao extremo viso
Das celestes regiões do Paraizo,
Disseste tremendíssima verdade

Deu-me a Sorte, na minha mocidade,
O seu mais belo, o seu melhor sorriso:
Poz no meu lar um astro e, de improviso,
Abriu-me as portas da felicidade...

Hoje o melhor do que me tinha dado
Arrebatou-m'o a Sorte de repente,
E em mágua e dôr me aflijo e me torturo,

Recordando as venturas do passado
Na infinita miséria do presente,
Na sombria incerteza do futuro

São Paulo 28/10/35

Fillinto de Almeida

D. Bernardina Rich

Não podíamos terminar esta semana em que estivemos dominadas pela empolgante estada de Margarida Lopes de Almeida, nesta Capital sem nos lembrarmos a todo o momento da saudosa consócia D. Bernardina Rich.

Lembrou D. Maria Müller a inauguração do retrato da digna consócia na Redação por ocasião da visita de Margarida a "A Violeta", da qual foi Diretora por muitos anos. O ato foi singelo. Falaram as lágrimas.

D. Maria Dimpina disse que não pronunciava um discurso: era-lhe doloroso isto nesta casa e neste dia quando fazia exatamente 21 anos que D. Bernardina, em festas a conduzia ali em dia de seu casamento. Ia repetir apenas o que dissera ao noticiar pela ultima vez o aniversário da sempre lembrada consócia: *amiga devotada, matogrossense ilustre, cuja vida, toda dedicada ao trabalho em prol da humanidade, é um exemplo de energia fecunda e incansável.*

Convidou para descerrar o veio que cobria o quadro a Exma. Snr^a. D. Maria Müller não só Presidente de Honra e fundadora do Grêmio, mas estimada aluna da homenageada.

O ato foi seguindo, de correntes de lágrimas. Lágrimas de saudades, lágrimas de alegria da feliz oportunidade de se fazer presente naquela ocasião a devotada consócia que foi um esteio para o Grêmio nos momentos mais difíceis que atravessou em 25 anos—as bôdas de prata—cuja festa conseguiu presenciar.

HECILDA CLARK

Conhecer os altos valores do País é um dever do estudioso. Reconhecer o mérito dos que se distinguem pela inteligência e pelo trabalho, não é favor, senão um justíssimo dever

Vamos dizer aqui quem é Hecilda Clark, a pioneira singular do Intercâmbio Americano, na palavra brilhante de Iveta Ribeiro ao pronunciar o discurso de recepção da grande intelectual no Instituto Brasileiro de Cultura. a 31 de agosto p. p.

« A senhora Hecilda Clark é um dos mais brilhantes vultos da intelectualidade feminina do Brasil de agora.

Nascida nas plagas sulinas nesse Rio Grande de santas tradições culturais Hecilda CLARK, muito menina ainda, manifestou seus pendores de inteligência e na época em que as outras meninas brincam com bonecas, deu-se ao capricho de brincar com as rimas e, de cabelos soltos e vestidos cultos, misturando os compêndios escolares com os livros dos poetas, já era, poetisa primorosa de largos e altos vôos... Verdadeiro temperamento de artista combativo e romântico a um tempo; vinda de uma linhagem de intelectuáais, pois foi seu pái o ardoroso jornalista e poeta gaúcho Rafael CLARK, bem cedo ainda, a jovem Rio-grandense dedicou-se, também, ao jornalismo, alistando-se, voluntária, nessa legião de operárias do pensamento e da pena, trabalhando sempre, desdobrando-se em sonho, « ideais de transcendente beleza, e lutando sempre pelas causas destas, amando sempre as musas e compondo versos de rara e comovente beleza. Como jornalista militante, Hecilda CLARK começou sua carreira vitoriosa, como redatora da *A Cidade Nova*, e da revista *A TELA*, colaboradora de várias revistas do Rio, jornais de Pelotas, Rio Grande e dos grandes jornais de Pórtó Alegre, como: *CORREIO DO POVO*, *JORNAL DA MANHÃ*; *FOLHA DA TARDE* e *Cronista da A SEMANA ESPORTIVA* de Porto Alegre.

Atingindo o ponto culminante dessa profíqua jornada, Hecilda CLARK assumio, depois, o de direção da brilhante revista *ILUSTRAÇÃO RIOGRANDENSE*, (de Porto Alegre) a que deu grande impulso quando administrando a secção de publicidade e grande relevo quando ascendeu ao posto de diretora intelectual da mesma, vindo depois de sua transferencia para a Capital de São Paulo, também a dirigir a formosa revista *ILUSTRAÇÃO PAULISTA* que tantos serviços prestou à divulgação de nossa cultura intelectual. É atualmente, redatora literária da revista *CIÊNCIAS E LETRAS* de S. Paulo. Essa operosidade profissional fez de Hecilda CLARK, uma nítida expressão

do jornalismo nacional, incluindo-a no quadro social das duas grandes potências da classe—a Associação Brasileira de Imprensa e Associação Paulista de Imprensa e ainda da Associação Paulista dos Profissionais de Imprensa. Como poetisa, dando particular atenção ao cultivo do difícil gênero-soneto a nossa apresentada tornou-se uma exímia sonetista, autora já de tres belos livros de versos, intitulados; *PÔEMAS DE ANGELO*, *FOLHAS MORTAS* e *FOI UM SONHO*. . . obras de vigorosa feição poética e profundo sentimentalismo, grandemente festejadas pela critica do Brasil, e do estrangeiro.

Feminista destemida, lutando por um grande ideal de reivindicações elevadas, sem que pretenda rebaixar a Mulher do seu pedestal-altar, para banalisá-la, incutindo-lhe uma igualdade impossível, por leis diferentes e diferentes finalidades, Hecilda CLARK, tem feito uso da tribuna e da pena, sempre orientada pelo mais alto e mais elevado critério. Onde, porém, atualmente, Hecilda mais luta e luta denodadamente, é no campo vastissimo de um sadio e inteligente Intercâmbio Inter-Americano é principalmente Sul-Americano, fazendo desse trabalho, um dever brasileira consciente que tem o santo orgulho de mostrar aos países do nosso Continente, o brilho refulgente da inteligência brasileira e colaborando, incansavelmente, como uma verdadeira idealista, na fraterna aproximação espiritual dos povos Americanos. Hecilda CLARK, é ainda figura representativa nos circulos cultuaris do País; pois pertence várias das mais notáveis agremiações literárias de agora, como: Academia de Ciencias e Letras de São Paulo, onde fundou a cadeira Julia Lopes de Almeida. a Academia de Letras de São Paulo; Academia Literária Sul Riograndense, Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, de Porto Alegre, Sociedade de Homens de Letras do Brasil e Clube das Vitórias Régias, do Rio de Janeiro, sendo que naquela exerce o cargo de tesoureira e desta, o de Primeira Secretária. Aí estão, meus senhores os traços principais da figura brilhante que, para ventura e orgulho nosso, acaba de ingressar no INSTITUTO BRASILEIRO DE CULTURA.

Iveta Ribeiro.

I. A. P. M.

Recebemos do Snr. Alencastro Maria Alves correspondente nesta Capital do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Marítimos dois exemplares do Boletim de Junho de 1941 e de Janeiro de 1942; um do «Financiamento da Guerra» da autoria do Snr. Arthur de Souza Costa.

Gratas.

BETINA DINIZ

Quem é Betina Diniz ?

É a notável escritora Iveta Ribeiro quem nos vai dizer em um trecho de seu belo discurso proferido no Instituto Brasileiro de Cultura ao ser recebida naquele sodalício a inteligente patricia.

«Quero apresentar-vos a romancista Betina Diniz:»

Betina Diniz representante da moderna intelectualidade feminina do Brasil, Betina Diniz, começa a projetar seu nome nas letras, tendo-se, antes, munido de apreciável e brilhante cultura intelectual, pois, estudiosa e inteligente compreendeu bem que, sem o cabedal dos estudos básicos raramente se pode construir uma obra sólida e clara e assim sendo, começou, menina ainda por conquistar o certificado do Curso Teórico de Música, do antigo Instituto Nacional de Música, hoje denominado Escola Normal do Distrito Federal, diplomando-se com o título de Professora Primária Municipal logo ingressando no exercício oficial do magistério colocou-se tão bem no seu papel de educadora dedicada e consciente, que passou a ser digníssima integrante do professorado nacional, exercendo, atualmente, suas funções na Escola Prudente de Moraes.

Sempre sequiosa de saber, Betina Diniz, que é dona de aguda inteligência, procurou enri-

quecer mais seus cabedais de espírito e cultura, e então fez na Universidade do Brasil os cursos extensivos de Psicoanálise, História da Civilização e Filosofia, tendo feito ainda o curso particular de Oratória dirigido pelo Professor Helio Gomes.

Conhecedora de tantos segredos das Ciências relativas, com o espírito formado sobre seguras bases, então Betina Diniz deu-se ao cultivo das letras, dedicando-se ao difícil gênero do conto e com êle acumulando matéria para quatro volumes inéditos, que tem prontos a editar, pois que essa beletista de agora nunca lançou mão dos usuais processos para a conquista do cartaz;

silenciosamente, como a formiga da fábula, enquanto tantos *novos* gritam aos quatros ventos o seu próprio valor, às vezes bem condicional, ela prefere trabalhar sossegadamente no receso de seu lar feliz conseguindo obra segura para uma apresentação oportuna.

Apesar dêsse seu feitio moral, refletido e calmo, Betina Diniz estimulada por amigos, resolveu apresentar-se à crítica e ao público que sabe ler, como romancista e brindou a nossa literatura dêsse gênero com um livro vigoroso, belo e desassombrado a que deu o sugestivo título de MENTIRA, muito bem recebido nos centros culturais e que lhe servio de melhor credencial pa-

◆◆◆◆◆ NOTICIÁRIO ◆◆◆◆◆

A SEMANA DA CRIANÇA

A Semana da Criança foi comemorada em todo País.

Nosso Estado não deixou arrefecer tão dígna festividade.

A Legião Brasileira da Assistência sob a direção de D. Maria Müller fez inaugurar o Hospital das Crianças.

DD. Hilda Lima e Benilde de Carvalho vêm a testa deste serviço sendo verdadeiras legionárias.

Cuiabá está de parabens! Congratulamos com a sociedade cuiabá e apresentamos nossa admiração ás destintas legionárias.

ra seu feliz ingresso neste sodalício.

As' suas qualidades de escritora Betina Diniz reúne, ainda, as de poetisa, pois agora, ainda timidamente começa a trilhar a aurea estrada do verso e sua Musa toda se inclina ao estudo e às soluções dos graves e sentidos motivos humanitários.

Betina Diniz é membro correspondente da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul e membro correspondente da *Confraternité Universelle Balzacienne* de Montevideu.

Aí tendes, senhores, quem é o novo elemento que se vem agregar à minoria de associados, talvez melhor se dissera à bancada ou ala feminina do Instituto Brasileiro de Cultura.

Lola de Oliveira

A 2 do corrente passou a data natalícia da distinta e culta escritora Lola de Oliveira, residente na Capital Federal.

A Lola, que é estrela de primeira grandeza entre nossas colaboradoras nosso cordial amplexo.



Benilde Borba Moura

A 12 do corrente foi a data natalícia da distinta poetiza Benilde Borba Moura inteligente professora, dedicada funcionária estadual e glória das letras matogrossenses.

Nossos parabens.



Padre Francisco Czapla

A 4 do corrente foi a data natalícia do Rev. P. Francisco Czapla que durante muitos anos dirigiu com grande zelo e elevação espiritual o Liceu Salesiano.

Nossos respeitosos cumprimentos,



Desembargador Palmiro Pimenta

A 7 do coarente registou-se a data natalícia do desembargador Palmiro Pimenta, nome conceituado na magistratura do Estado, como nos centros culturais.

Nossos cumprimentos

Professora Izabel de Campos

A 11 do corrente passou-se a data natalícia da Professora Izabel de Campos, belo ornamento do magistério em nosso Estado e inteligente escritora tem que algumas vezes abrilhantado as páginas desta revista com suas produções de estilo elevado e nobre.

Nossos abraço cordial.

Desembargador Amarílio Novis

A 13 do corrente completou mais um ano de existência dedicada à Família e ao Direito do qual é um grande Apóstolo, e às Letras pátrias de cujas é elemento de valor.

Nossos parabens.

Professora Teresa Lôbo de Queiroz

A 15 do corrente passou-se a data natalícia da prolecta Professora do Colégio Cuiabano D. Teresa Lôbo de Queiroz, cujos serviços á intrução primária do Estado são de valor incontestável.

D. Teresa, sócia fundadora do Grêmio Júlia Lopes figurou, com destaque, dentre as primeiras redatoras desta revista. Nossos cumprimentos cordiais.

D. Zelinda Pereira Lima

A 16 do corrente transcorreu a data natalícia de D. Zelinda Pereira Lima digníssima consorte do brilhante jornalista Sr. Archimedes Lima, DD. Diretor do Departa-

mento Estadual de Imprensa e Propaganda.

Nossos parabens.

Dr. Antonio de Pinho Maciel Epaminondas

A 21 passou-se a data natalícia do conceituado, benemérito e dedicado médico Dr. António Epaminondas a quem, por êste motivo apresentamos cordiais cumprimentos

Professora Senhorinha de Campos

A 24 do corrente registou-se a data natalícia da Professora Senhorinha de Campos, nossa distinta consócia e educadora justamente conceituada nesta Capital:

Cumprimentamos a cara consócia almejando-lhe novos louros em sua dignificante missão.

Noivados

Estão noivos:

A senhorinha Maria de Lourdes Mesquita e o Dr. Mário Corrêa Cardozo, distinto engenheiro civil servindo na Comissão de estudos da Estrada Cuiabá—São Paulo,

A noiva é filha do Desembargador José de Mesquita e o noivo do Snr. Coronel João Celestino Corrêa Cardozo e sua digníssima consorte D. Avelina Corrêa Cardozo, ambas famílias das mais conceituadas de nossa sociedade.

Apresentando nossas felicitações fazemos votos que o novo lar que se forme abençoado e feliz.

O Snr. Cel. Eugênio da Silva

Taques e sua digníssima esposa D. Francelina Albuquerque Taques, a veneranda Snra. D. Mariana Edwiges de Barros, viúva de saudoso, Sr. Fortunato de Barros, participaram-nos o casamento de seus filhos Clarice da Silva Taques e Avelino de Lima Barros.

Gratas pela distinção fazemos votos que seja feliz a união de tão distinto par.

Saturnino de Arruda Lobo

A 4 do corrente, em Campo Grande faleceu repentinamente o nosso estimado conterrâneo Saturnino de Arruda Lobo, telegrafista aposentado, depois de uma vida grandemente dedicada ao serviço público.

Saturnino Lobo ocupava posição de destaque em várias sociedades locais e era muito estimado.

Deixa viúva D. Ana Maria Lobo a quem apresentamos, bem como a seus irmãos e demais parentes, nossos pésames.

D. Azita Ferreira Tocantins

A 9 do corrente faleceu nesta Capital a boníssima Senhora Azita F. Tocantins, ainda na flôr da idade, mas vítima de cruel enfermidade. D. Alzita deixa um filho.

A seu viúvo Snr. José Tocantins, a sua extremosa genitora D. Zulmira Eubank Ferreira, a seu tio Venancio Eubank a seus irmãos e demais parentes nossos sentidos pésames.

D. Maria da Conceição Ferreira

A 9 do corrente faleceu nesta Capital a estimadíssima sonhora D. Maria da Conceição Ferreira virtuosa esposa do Snr. Temistocles Alves Ferreira.

Deixa mimerosa prole e sua morte causou consternação geral graças á simpatia que gozava em nossa sociedade.

Paulo Correa da Costa

Faleceu a 13 do corrente em Campo grande o nosso distinto e digno coestadoano Snr. Paulo Correa da Costa, filho do saudoso matograssense Cel. Pedro Celestino Correa da Costa e de sua digníssima censorte D. Corina Novis Correa da Costa.

Não só pelo destaque e merecida estima da Família a que pertencia como pela amabilidade no trato e qualidades raras de espirito, sua morte foi geralmente sentida.

Deixa viúva D. Lelia Alves Correa da Costa e um filhinho.

Apresentamos as famílias Novis e Correa da Costa nossos votos de sentidos condolências.

General Manoel do Nascimento Vargas

Faleceu a 21 do corrente na Capital Federal o Snr. General Manoel do Nascimento Vargas, nome de projeção na história nacional, árvore que pode glorificar-se de, além de seus próprios feitos, haver dado à Pátria um filho digno como quem mais o seja — o Exmo Snr. Dr. Getúlio Vargas, DD Presidente da República Brasileira.

Apresentamos à família enlutada nossos sentidos pésames.

Rubens Mendonça

A VIOLETA

Nov. 2 - 1943 -



Ao benemérito
Dr. Getúlio Vargas,
nossas homenagens.